

MATERIAL DIGITAL DE APOIO À PRÁTICA DO PROFESSOR

AUTORIA HELOISA MACEDO

Minha família ENAUENÊ

Rita Carelli

ILUSTRAÇÕES
Anabella López

LIVRO DO
PROFESSOR

Sumário

CARTA AO PROFESSOR, 3

MATERIAL DE APOIO AO PROFESSOR, 5

ATIVIDADES, 12

Pré-leitura, 12

Leitura, 14

Pós-leitura, 17

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS COMENTADAS, 24

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Macedo, Heloisa

Minha família Enauenê [livro eletrônico]: material digital de apoio à prática do professor/Heloisa Macedo; ilustrações Anabella López. – 1. ed. – Porto Alegre: Editora Mediação, 2021. PDF

ISBN 978-65-5538-024-8 (professor digital PDF)

1. Índios - Literatura infantojuvenil 2. Literatura infantojuvenil I. Carelli, Rita.
II. López, Anabella. III. Título.

21-86046

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Índios: Literatura infantil 028.5

2. Índios: Literatura infantojuvenil 028.5

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

CARTA AO PROFESSOR

Caro professor,

Minha família Enauenê narra as memórias autobiográficas da autora, Rita Carelli, que viveu parte de sua infância em uma aldeia indígena no estado de Mato Grosso. Em meio às descobertas entre os indígenas, cujos costumes e cultura contrastam com os que conhecia da cidade, a narradora aprende a se integrar a uma nova sociedade. Sua família é acolhida pelos indígenas e ela ganha uma segunda família, afetiva. A narradora também percebe os papéis sociais estabelecidos para homens e mulheres na aldeia, os quais a colocam diante de um impasse: prefere brincar, nadar no rio e jogar futebol – atividades reservadas aos meninos – a realizar as tarefas destinadas às meninas, que lhe parecem menos divertidas.

As relações familiares e de amizade, a sociabilidade e o meio natural, assim como as questões de identidade e afinidades da protagonista, permitem associar a obra a quatro temas: Família, amigos e escola; Mundo natural e social; Autoconhecimento, sentimentos e emoções; Encontros com a diferença.

Rita Carelli nasceu em São Paulo em 1984, é escritora, ilustradora e atriz. Passou boa parte de sua infância entre povos indígenas, acompanhando seus pais em filmagens e pesquisas. Como analisa a antropóloga Betty Mindlin no posfácio da obra, por ter vivido essas experiências tão marcantes durante a infância, “Rita mergulhou no mundo indígena e guardou uma compreensão que talvez poucos profissionais sejam capazes de atingir”.

Minha família Enauenê aborda, de maneira sensível, questões como os papéis sociais, a divisão do trabalho, a diversidade cultural e os diferentes modos de vida. Além disso, conta com as belas imagens criadas pela ilustradora argentina Anabella López (nascida em Buenos Aires, em 1984). Suas ilustrações misturam pintura e colagem, exploram contrastes e trazem detalhes importantes desse povo indígena, como as tatuagens na barriga das mulheres, a forma das casas e a dimensão do pátio da aldeia.

A presença de elementos que valorizam a diversidade cultural brasileira e destacam a aceitação da diferença alia-se a uma narrativa envolvente, contada desde uma perspectiva muito íntima, e à exuberância das imagens que dialogam com o texto ora direta, ora indiretamente, transportando o leitor para o ambiente narrado. Com isso, o livro tem o potencial de cativar a atenção dos estudantes que já passaram pela primeira fase de alfabetização e se encaminham agora à

consolidação da fluência e da autonomia leitora (Categoria 2, referente ao 4º e ao 5º ano do Ensino Fundamental).

Este material apresenta práticas de leitura que visam incentivar a compreensão global do texto, a fluência em leitura oral e o desenvolvimento e o aperfeiçoamento do vocabulário. As atividades propostas buscam promover a fruição literária, ou seja, a leitura como atividade lúdica, que implica também curiosidade, identificação, contato com afetos e descoberta de sentidos.

Este material propõe ainda o estudo do conto, considerando a importância da literatura para o aprendizado e a compreensão de mundo dos estudantes, bem como para sua alfabetização completa e o entendimento de como se articula um texto. São atividades que visam levar os estudantes a observar os elementos estruturais do texto narrativo (narrador, trama, personagens, tempo e espaço), assim como os desafiam a criar narrativas numa atividade de produção escrita, elemento essencial para consolidar a alfabetização.

Que essa leitura seja capaz de gerar interesse, curiosidade, deleite e aceitação da diversidade nos estudantes, levando-os a ampliar sua percepção do mundo em que vivem e a desenvolver suas capacidades de leitura e escrita.

Bom trabalho!

MATERIAL DE APOIO AO PROFESSOR

Leitura: caminhando em direção à fluência e à autonomia

No 4º e no 5º ano do Ensino Fundamental, os estudantes já passaram por fases anteriores de alfabetização, em que trabalharam a aquisição de habilidades como a relação entre grafemas e fonemas, a decodificação e a codificação. Com isso, já são capazes de processar grandes unidades com mais velocidade e precisão. Nessa fase de aprendizagem, portanto, o foco é aprofundar e aprimorar os conhecimentos linguísticos já adquiridos na área de Linguagens, com ênfase na leitura e na interpretação de textos progressivamente maiores e mais complexos, de modo cada vez mais fluente e autônomo. Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC):

Ao longo do Ensino Fundamental – Anos Iniciais, a progressão do conhecimento ocorre pela **consolidação das aprendizagens anteriores** e pela **ampliação das práticas** de linguagem e da experiência estética e intercultural das crianças, considerando tanto seus interesses e suas expectativas quanto o que ainda precisam aprender. Ampliam-se a autonomia intelectual, a compreensão de normas e os interesses pela vida social, o que lhes possibilita lidar com sistemas mais amplos, que dizem respeito às relações dos sujeitos entre si, com a natureza, com a história, com a cultura, com as tecnologias e com o ambiente.

(BRASIL, 2018, p. 59, grifos do autor)

No que diz respeito à leitura, é importante que o professor acompanhe esse processo levando à sala de aula obras literárias que sejam adequadas e instigantes para a faixa etária dos estudantes e promovendo atividades que estimulem, sobretudo, a compreensão total do texto, sua correta interpretação, o aprimoramento do vocabulário dos estudantes, a fluência leitora e a leitura em voz alta.

A Política Nacional de Alfabetização (PNA) institui cinco componentes essenciais para uma alfabetização eficiente e completa: a consciência fonêmica, a instrução fônica sistemática, a fluência em leitura oral, o desenvolvimento de vocabulário e a compreensão de textos. Segundo a mesma PNA, pesquisas recentes também recomendam a inserção de um sexto componente em que as boas práticas de alfabetização devem se apoiar: a produção de escrita. Uma vez que os estudantes do 4º e do 5º ano do Ensino Fundamental já são capazes de ler unidades maiores, é interessante focar nos quatro últimos

componentes essenciais descritos pela PNA, os quais disponibilizamos mais detalhadamente aqui:

Fluência em leitura oral é a habilidade de ler um texto com velocidade, precisão e prosódia. A fluência libera a memória do leitor, diminuindo a carga cognitiva dos processos de decodificação para que ele possa concentrar-se na compreensão do que lê. A fluência torna a leitura menos trabalhosa e mais agradável. É desenvolvida em sala de aula pelo incentivo à prática da leitura de textos em voz alta, individual e coletivamente, acrescida da modelagem da leitura fluente. O monitoramento do progresso dos alunos na fluência permite ao professor conhecer com mais detalhes os problemas de leitura de cada um e assim oferecer-lhe a ajuda necessária.

Professores e coordenadores pedagógicos devem levar em consideração, no processo de alfabetização, as pesquisas que indicam o número médio de palavras lidas com fluência ao final de cada ano do ensino fundamental I [...].

[...]

O **desenvolvimento de vocabulário** tem por objeto tanto o vocabulário receptivo e expressivo, quanto o vocabulário de leitura. Os leitores iniciantes empregam seu vocabulário oral para entender as palavras presentes nos textos escritos.

Um vocabulário pobre constitui um obstáculo para a compreensão de textos. Por isso é recomendável que, antes mesmo de ingressar no ensino fundamental, a criança seja exposta a um vocabulário mais amplo do que aquele do seu dia a dia. Pode-se desenvolver o vocabulário indiretamente, por meio de práticas de linguagem oral ou de leitura em voz alta, feita por um mediador ou pela própria criança; ou diretamente, por meio de práticas intencionais de ensino, tanto de palavras individuais, quanto de estratégias de aprendizagem de palavras. Um amplo vocabulário, aliado à capacidade de reconhecer automaticamente palavras, é a base para uma boa compreensão de textos.

A **compreensão de textos** é o propósito da leitura. Trata-se de um processo intencional e ativo, desenvolvido mediante o emprego de estratégias de compreensão. Além do domínio dessas estratégias, também é importante que o aluno, à medida que avança na vida escolar, aprenda o vocabulário específico necessário para compreender textos cada vez mais complexos.

A compreensão não resulta da decodificação. São processos independentes. Por isso é possível compreender sem ler, como também é possível ler sem compreender. A capacidade de decodificação, no entanto, é determinante para a aquisição

de fluência em leitura e para a ampliação do vocabulário, fatores que estão diretamente relacionados com o desenvolvimento da compreensão [...].

Por fim, a **produção de escrita** diz respeito tanto à habilidade de escrever palavras, quanto à de produzir textos. O progresso nos níveis de produção escrita acontece à medida que se consolida a alfabetização e se avança na literacia. Para crianças mais novas, escrever ajuda a reforçar a consciência fonêmica e a instrução fônica. Para crianças mais velhas, a escrita ajuda a entender as diversas tipologias e gêneros textuais. (BRASIL, 2019, p. 33-34, grifos do autor)

Literatura infantil e escolarização

Por ser uma atividade de caráter lúdico, que entretém e envolve, a leitura do texto literário possibilita a transmissão de conhecimento de forma muito eficaz e prazerosa. Muito já se falou sobre a necessidade de levar a literatura à sala de aula para incentivar a fruição literária, ou seja, a leitura por prazer. O grande desafio do professor é evitar que a leitura se torne uma obrigação enfadonha, de simples verificação de conteúdo, memorização de vocabulário ou de verificação de fluência leitora. Porém, a escolarização da leitura literária traz obrigações que podem dificultar esse trabalho.

Magda Soares, no texto “A escolarização da literatura infantil e juvenil”, faz reflexões relevantes sobre o assunto:

[...] a escola é uma instituição em que o fluxo das tarefas e das ações é ordenado através de procedimentos formalizados de ensino e de organização dos alunos em categorias (idade, grau, série, tipo de problema etc.), categorias que determinam um tratamento escolar específico [...]. É a esse *inevitável* processo — ordenação de tarefas e ações, procedimentos formalizados de ensino, tratamento peculiar dos saberes pela seleção, e consequente exclusão, de conteúdos, pela ordenação e sequencição desses conteúdos, pelo modo de ensinar e de fazer aprender esses conteúdos — é a esse processo que se chama *escolarização* [...].

Portanto, não há como evitar que a literatura, qualquer literatura, não só a literatura infantil e juvenil, ao se tornar “saber escolar”, se escolarize, e não se pode atribuir, *em tese*, como dito anteriormente, conotação pejorativa a essa escolarização, inevitável e necessária; não se pode criticá-la, ou negá-la, porque isso significaria negar a própria escola.

Disse *em tese* porque, na prática, na realidade escolar essa escolarização acaba por adquirir, sim, sentido negativo, pela maneira como ela se tem realizado, no

quotidiano da escola. Ou seja: o que se pode criticar, o que se deve negar *não é* a escolarização da literatura, mas a inadequada, a errônea, a imprópria escolarização da literatura [...].

[...] a literatura é *sempre e inevitavelmente* escolarizada, quando dela se apropria a escola; o que se pode é distinguir entre uma escolarização *adequada* da literatura – aquela que conduza mais eficazmente às práticas de leitura que ocorrem no contexto social e às atitudes e aos valores que correspondem ao ideal de leitor que se quer formar – e uma escolarização inadequada, errônea, prejudicial da literatura – aquela que antes afasta que aproxima de práticas sociais de leitura, aquela que desenvolve resistência ou aversão à leitura.

(SOARES, 2011, p. 21-22; 24-25, grifos da autora)

Desse modo, ao classificar a literatura como um saber escolarizado, a escola deve mostrar aos estudantes a necessidade de conhecer estratégias de leitura e de compreender estruturas textuais e diferenças entre gêneros literários – mas não deve esquecer que a leitura é uma atividade prazerosa, evitando gerar resistência a ela.

Em *Como usar a literatura infantil na sala de aula*, Maria Alice Faria cita estudos realizados em escolas francesas em que pesquisadores observaram duas modalidades de leitura praticadas pelos estudantes: a leitura comum e a leitura erudita. A primeira seria aquela na qual a relação do leitor com a obra é afetiva, e ele se identifica com a história, os temas tratados e os personagens; já a segunda se baseia numa leitura mais distanciada da obra, na qual o leitor a aprecia formalmente, observando suas características estéticas e estruturais.

A autora também cita estudos realizados por outros pesquisadores que seguem uma linha similar. Eles dividem a leitura em três níveis: a leitura comprometida, a leitura aprofundada pela experiência pessoal e a leitura literária.

A leitura comprometida se assemelha à leitura emotiva de Martins, quando a criança “deixa sua imaginação funcionar sem regras”: “Concretamente, a leitura comprometida se traduz por uma identificação com as personagens, uma projeção na ação. Uma espécie de diálogo permanente entre o livro e o leitor. Este último lê ‘para saber o fim do livro’, como dizem as crianças, para viver, por procuração, aventuras perigosas no papel, mas não na realidade, para confrontar seu próprio universo de referências ao do livro”.

Já a leitura aprofundada pela experiência pessoal é feita por um leitor mais maduro, que depois de uma leitura emotiva (ou mesmo concomitantemente) é capaz de discernir no texto suas conotações, a ideologia que o permeia, questões de ética colocadas pelo tema. [...]

Finalmente, a leitura literária seria “a capacidade de perceber, para além do sentido imediato, para além do sentido implícito, o modo de construção de um livro”. E isso, concluem Poslaniec & Houyel, “pode ser a ocasião de um verdadeiro prazer de tipo intelectual”.

(FARIA, 2004, p. 16-17)

É importante salientar que devem ser trabalhadas na escola tanto a fruição literária, numa perspectiva que visa o envolvimento do estudante e sua identificação com a história de forma mais afetiva, quanto o domínio das formas de construção desse texto literário. A autora afirma que o domínio dos três níveis de leitura citados é indispensável e ocorre concomitantemente, de modo que um não deve excluir o outro.

Culturas indígenas na sala de aula

Fundamental na formação de futuros cidadãos, a escola desempenha o papel de promover uma aprendizagem baseada no respeito e na valorização das singularidades e diferenças culturais do país. Esse papel passou a ser mais relevante a partir da implementação da Lei 11.645 de 2008, que tornou obrigatório o ensino da história e da cultura indígena e afro-brasileira nas salas de aula brasileiras.

Do mesmo modo, ao propor aprendizagens essenciais que todos os estudantes brasileiros devem desenvolver, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) chama a atenção para a importância da promoção de valores como igualdade, diversidade e equidade no currículo escolar, indicando que as escolas devem elaborar propostas pedagógicas que considerem a variedade linguística, étnica e cultural do país. No que diz respeito à equidade, o texto ressalta que:

De forma particular, um planejamento com foco na equidade também exige um claro compromisso de reverter a situação de exclusão histórica que marginaliza grupos – como os povos indígenas originários e as populações das comunidades remanescentes de quilombos e demais afrodescendentes – e as pessoas que não puderam estudar ou completar sua escolaridade na idade própria. [...]

(BRASIL, 2018, p. 15-16)

Na obra *Minha família Enauenê*, Rita Carelli narra parte de sua infância em uma aldeia indígena, no estado de Mato Grosso. Por meio do olhar de uma menina que nasceu na cidade, o leitor é convidado a conhecer a cultura desse povo indígena. Esse convite tem potencial para ampliar os contextos e conhecimento de mundo dos estudantes, assim como promover os conceitos de diversidade, igualdade e equidade. Mas como explorar o potencial dessa obra na escola? Como trabalhar de forma satisfatória com as culturas indígenas em sala de aula?

Em muitas escolas ainda é comum a menção aos povos indígenas do Brasil como povos do passado, com uma abordagem estereotipada. O encarte pedagógico “Culturas indígenas na sala de aula”, publicado pelo jornal *Porantim*, aponta alguns equívocos praticados pelas escolas ao tratarem das culturas indígenas, assim como indica formas mais interessantes de estudá-las. Segundo o encarte, um dos principais problemas é a questão indígena ser inserida nos currículos escolares de forma fragmentada. Por exemplo, quando o tema é levado à sala de aula apenas no Dia do Índio, trabalhando com generalizações e caricaturas, sem apresentar a complexidade da vida indígena nem respeitar a existência de diferentes povos, com história e costumes diversos. O texto ainda afirma:

[...] Estudos sobre as produções didáticas mostram que a temática indígena é vinculada particularmente a certos episódios históricos que constituem os discursos oficiais. [...]

Esse tipo de abordagem não favorece um verdadeiro entendimento do lugar histórico e da presença atual dos indígenas no contexto nacional. O que permanece é um sentimento de insignificância, de passividade e de submissão desses povos. [...] É no cotidiano, nas ações rotineiras e aparentemente banais que a escola produz diferenças e desigualdades. É também nesses espaços cotidianos que os sujeitos constroem suas respostas, suas resistências, suas adesões. Se, em práticas pedagógicas, a temática indígena é tratada de forma pontual e fragmentada, ocupando um lugar subordinado e complementar, isso servirá para naturalizar um lugar desigual para os povos indígenas. Cabe a nós, professores, inventarmos novas abordagens, para que os alunos possam tomar contato com outras versões da história brasileira e outras informações sobre as culturas indígenas, de modo a colocar um fim à invisibilidade a que hoje os povos indígenas estão relegados. (PORANTIM, 2015, p. 3-4)

Além disso, conforme aponta o texto, é muitas vezes comum uma abordagem que, embora busque valorizar essas culturas, enfoque apenas as contribuições servis dos povos indígenas e as heranças que nos deixaram – por exemplo, os conhecimentos sobre plantas comestíveis e o meio ambiente ou os nomes de coisas e lugares. Trata-se, portanto, de uma abordagem que busca valorizar os povos indígenas pela utilidade que tiveram ou têm para a cultura dominante.

Para romper com essas práticas, o encarte também sugere algumas abordagens mais interessantes para trabalhar com as culturas indígenas em sala de aula, como realizar visitas a aldeias, convidar integrantes de povos indígenas para realizar palestras e participar de feiras ou desenvolver projetos de trabalho sobre povos indígenas em sala de aula, que “possibilitam aos estudantes um processo continuado de pesquisa, de estudo, de reflexão sobre quem são e como vivem diferentes etnias no Brasil” (PORANTIM, 2015, p. 4).

ATIVIDADES

As atividades a seguir podem auxiliar você, professor(a), a preparar diversas situações de leitura da obra em sala de aula objetivando a fruição literária e o desenvolvimento da linguagem. As propostas desenvolvem competências e habilidades na área de Linguagens, com ênfase no componente curricular Língua Portuguesa, de acordo com o que estabelece a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Pré-leitura

As atividades prévias à leitura têm como objetivo preparar situações que despertem o interesse das crianças tanto pela obra como pelas temáticas nela abordadas, estabelecendo relações com as experiências de vida dos estudantes, para que levantem hipóteses que serão refutadas ou confirmadas durante a leitura.

Competência Geral da BNCC trabalhada nesta seção:

1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

Habilidades da BNCC trabalhadas nesta seção:

(EF15LP01) Identificar a função social de textos que circulam em campos da vida social dos quais participa cotidianamente (a casa, a rua, a comunidade, a escola) e nas mídias impressa, de massa e digital, reconhecendo para que foram produzidos, onde circulam, quem os produziu e a quem se destinam.

(EF15LP02) Estabelecer expectativas em relação ao texto que vai ler (pressuposições antecipadoras dos sentidos, da forma e da função social do texto), apoiando-se em seus conhecimentos prévios sobre as condições de produção e recepção desse texto, o gênero, o suporte e o universo temático, bem como sobre saliências textuais, recursos gráficos, imagens, dados da própria obra (índice, prefácio etc.), confirmando antecipações e inferências realizadas antes e durante a leitura de textos, checando a adequação das hipóteses realizadas.

(EF15LP15) Reconhecer que os textos literários fazem parte do mundo do imaginário e apresentam uma dimensão lúdica, de encantamento, valorizando-os, em sua diversidade cultural, como patrimônio artístico da humanidade.

(EF15LP18) Relacionar texto com ilustrações e outros recursos gráficos.

- Entregue exemplares do livro aos estudantes e deixe que eles os manuseiem livremente para instigar a curiosidade e a intimidade com a obra. Pergunte o que já sabem sobre livros. Peça a eles que descrevam esse tipo de objeto, suas funções e a quem se destina. Depois, incentive-os a contar sobre outros livros que conheçam. Em seguida, solicite à turma que observe demoradamente a capa e identifique os elementos que a compõem: ilustração, título, nomes da autora e da ilustradora, editora. (Habilidades de referência da BNCC: EF15LP01 e EF15LP15.)
- Peça aos estudantes que leiam em voz alta o título do livro. Em seguida, pergunte: O que vocês acham que pode ser uma família Enauenê? Que características essa família deve ter? Será que essa família é muito diferente da família de vocês? Que diferenças a sua família e a família Enauenê podem ter entre si? E as semelhanças, quais serão? Em seguida, solicite ao grupo estudantil que levante hipóteses sobre o livro que lerá: Sobre o que vocês acham que será a história? Que personagens acreditam que vão encontrar nela? Quais temas serão tratados? Em seguida, leia com a turma a dedicatória do livro. Pergunte aos estudantes como imaginam ser a família da autora do livro. Por que será que ela dedica o livro a seus “dois pais” e suas “duas mães”? O que será que isso quer dizer? Estimule as crianças a perceber a linguagem metafórica: a narradora tem os pais biológicos e os que ela ganhou na história, “pais de coração”. (Habilidade de referência da BNCC: EF15LP02.)



Toda família é única, mas também guarda semelhanças com as outras.

Gerd Altmann/Pixabay.com

- Folheie o livro com os estudantes. Juntos, observem as ilustrações de Anabella López, ainda sem ler o texto. Peça a eles que as descrevam: Como são os personagens retratados no livro? Que utensílios utilizam? Como seus rostos e corpos foram representados? Vocês consideram esses personagens diferentes de vocês ou semelhantes? Que semelhanças e diferenças acreditam haver entre vocês e os personagens? Como é o ambiente em que eles estão inseridos? Que elementos é possível reconhecer nesse lugar? Ele se parece com algum lugar que conheçam? Proponha então um exercício de imaginação com base nas imagens que a turma observou. Que relações os estudantes acreditam que elas podem ter com o texto? O que é possível intuir sobre a história contada no livro? (Habilidades de referência da BNCC: EF15LP02 e EF15LP18.)
- Leia com os estudantes o posfácio da obra, escrito pela antropóloga Betty Mindlin. Converse com eles a respeito do significado da palavra “posfácio”, um texto posicionado no fim do livro (após o texto principal) que acrescenta informações sobre o autor e a história narrada. Converse também a respeito da palavra “prefácio” e de outros elementos possíveis de serem encontrados em um livro, como “índice” e “dedicatória”. Depois, leiam juntos as informações paratextuais e verifiquem o que já é possível saber sobre a obra e a autora. Questionem se acreditam que a história que lerão é biográfica – e por quê. (Habilidade de referência da BNCC: EF15LP02.)

Leitura

A leitura compartilhada e a troca de ideias e opiniões sobre trechos específicos da obra, entre outras atividades propostas durante a leitura, visam desenvolver a fluência leitora, promover a sociabilidade e incentivar a fruição literária.

Competência Geral da BNCC trabalhada nesta seção:

3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.

Habilidades da BNCC trabalhadas nesta seção:

(EF15LP16) Ler e compreender, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor e, mais tarde, de maneira autônoma, textos narrativos de maior porte como contos (populares, de fadas, acumulativos, de assombração etc.) e crônicas.

(EF15LP19) Recontar oralmente, com e sem apoio de imagem, textos literários lidos pelo professor.

(EF15LP18) Relacionar texto com ilustrações e outros recursos gráficos.

(EF35LP01) Ler e compreender, silenciosamente e, em seguida, em voz alta, com autonomia e fluência, textos curtos com nível de textualidade adequado.

(EF35LP21) Ler e compreender, de forma autônoma, textos literários de diferentes gêneros e extensões, inclusive aqueles sem ilustrações, estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores.

(EF04LP03) Localizar palavras no dicionário para esclarecer significados, reconhecendo o significado mais plausível para o contexto que deu origem à consulta.

(EF04LP05) Identificar a função na leitura e usar, adequadamente, na escrita ponto final, de interrogação, de exclamação, dois-pontos e travessão em diálogos (discurso direto), vírgula em enumerações e em separação de vocativo e de apostrofo.

(EF05LP04) Diferenciar, na leitura de textos, vírgula, ponto e vírgula, dois-pontos e reconhecer, na leitura de textos, o efeito de sentido que decorre do uso de reticências, aspas, parênteses.

- Abra o livro na página 7 e peça aos estudantes que a leiam silenciosamente. Em seguida, solicite a todos que leiam em voz alta o nome do povo retratado no livro: Enauenê-Nauê. Pergunte se eles acharam fácil ou difícil ler essa palavra. Ela é diferente das palavras que estão acostumados a ler em português ou parecida com elas? Chame a atenção da turma para a presença de muitas vogais e poucas consoantes nessa palavra. Pergunte aos estudantes se conhecem outras palavras de origem indígena e se sabem o nome de algum outro povo indígena do Brasil. Em seguida, leia em voz alta a página 8 e peça a eles que descrevam o que puderam entender desse trecho. Com base nas duas páginas lidas, pergunte o que já é possível saber sobre a história do livro e sobre quem é a narradora. (Habilidades de referência da BNCC: EF15LP16 e EF15LP19.)
- Para praticar a leitura oral e verificar a habilidade dos estudantes para ler com velocidade, precisão e prosódia, promova uma atividade de leitura

compartilhada da primeira metade do livro (até a página 19). Sentem-se todos em roda. Depois, peça a um dos estudantes que faça a leitura da página 9; em seguida, o colega ao lado lerá a página 10, e assim por diante. Chame a atenção da turma para a importância da entonação e evidencie a pontuação (pontos finais, vírgulas e reticências), conversando sobre as pausas que devem ser feitas em cada caso. De tempos em tempos, utilize a técnica da leitura dialogada, fazendo perguntas abertas a toda a turma sobre o que acabaram de ler e o que virá a seguir, de modo a sustentar a curiosidade e a atenção dos estudantes, além de verificar sua compreensão do texto. Observe a fluência das leituras e ajude aqueles que apresentarem mais dificuldade, orientando-os e pedindo a eles que repitam determinados trechos quando necessário. (Habilidades de referência da BNCC: EF15LP16, EF04LP05 e EF05LP04.)

- Peça a um dos estudantes que leia o texto da página 14 em voz alta e depois solicite a todos que observem as ilustrações dessa página e da página seguinte. Para que eles descrevam os elementos da imagem, pergunte: Como são as construções e a paisagem retratadas? Que outros elementos estão presentes? Que personagens aparecem na cena? Como esses personagens são retratados? Oriente-os a descrever, com as próprias palavras, a cena retratada na ilustração, socorrendo-se da compreensão do texto lido até então. (Habilidade de referência da BNCC: EF15LP18.)
- Caso tenha lido com a turma até algum ponto do livro (a página 19, como proposto na segunda atividade desta seção, ou alguma outra à sua escolha), peça aos estudantes que terminem a leitura do livro sozinhos, como dever de casa. Essa é uma forma de incentivar a autonomia progressiva na leitura. Sugira a eles que realizem essa atividade no local mais tranquilo e silencioso possível e que reservem um momento do dia para se concentrarem apenas na leitura do livro, livres de possíveis dispersões ou interrupções. Proponha também a eles que, finalizada a leitura, recontem a história para seus familiares e perguntem se já leram algum livro ou assistiram a algum filme ou seriado que contasse com a presença de povos indígenas. É interessante também que peçam aos familiares que recontem a trama dessas obras para eles. Essa experiência poderá ser trazida para a classe, na aula seguinte, para conversa entre os estudantes sobre a prática da leitura solitária e sobre as indicações dadas pelos familiares. (Habilidade de referência da BNCC: EF35LP21.)

- Caso os estudantes realizem a leitura do livro ou de parte dele em casa, aproveite essa atividade para trabalhar o desenvolvimento do vocabulário. Solicite a eles que, durante a leitura autônoma, elaborem um glossário com palavras que não compreenderam bem ou que lhes pareceram mais difíceis, por estarem menos presentes no vocabulário cotidiano deles. Ainda em sala de aula, converse com a turma a respeito do que é um glossário e suas funções em um livro. Se possível, leve exemplos de obras que contem com esse elemento. Oriente os estudantes a escolher algumas das palavras menos conhecidas e a buscar seu significado em um dicionário. Em seguida, eles deverão elaborar o glossário, anotando as palavras escolhidas numa folha de papel e escrevendo com suas próprias palavras o significado de cada uma delas. (Habilidades de referência da BNCC: EF35LP21 e EF04LP03.)

Pós-leitura

As atividades a seguir auxiliam o trabalho com a reflexão pós-leitura e têm o objetivo de potencializar os efeitos da fruição literária e desenvolver as competências e habilidades dos estudantes nos anos iniciais do Ensino Fundamental, com especial atenção ao componente curricular Língua Portuguesa.

Competências da BNCC trabalhadas nesta seção

Competências Gerais:

3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.

Competência Específica de Língua Portuguesa:

9. Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura.

Competência Específica de Ciências Humanas:

4. Interpretar e expressar sentimentos, crenças e dúvidas com relação a si mesmo, aos outros e às diferentes culturas, com base nos instrumentos de investigação das Ciências Humanas, promovendo o acolhimento e a valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.

Habilidades da BNCC trabalhadas nesta seção:

(EF15LP01) Identificar a função social de textos que circulam em campos da vida social dos quais participa cotidianamente (a casa, a rua, a comunidade, a escola) e nas mídias impressa, de massa e digital, reconhecendo para que foram produzidos, onde circulam, quem os produziu e a quem se destinam.

(EF15LP06) Rer e revisar o texto produzido com a ajuda do professor e a colaboração dos colegas, para corrigi-lo e aprimorá-lo, fazendo cortes, acréscimos, reformulações, correções de ortografia e pontuação.

(EF15LP09) Expressar-se em situações de intercâmbio oral com clareza, preocupando-se em ser compreendido pelo interlocutor e usando a palavra com tom de voz audível, boa articulação e ritmo adequado.

(EF15LP15) Reconhecer que os textos literários fazem parte do mundo do imaginário e apresentam uma dimensão lúdica, de encantamento, valorizando-os, em sua diversidade cultural, como patrimônio artístico da humanidade.

(EF15LP18) Relacionar texto com ilustrações e outros recursos gráficos.

(EF35LP03) Identificar a ideia central do texto, demonstrando compreensão global.

(EF35LP09) Organizar o texto em unidades de sentido, dividindo-o em parágrafos segundo as normas gráficas e de acordo com as características do gênero textual.

(EF35LP17) Buscar e selecionar, com o apoio do professor, informações de interesse sobre fenômenos sociais e naturais, em textos que circulam em meios impressos ou digitais.

(EF35LP20) Expor trabalhos ou pesquisas escolares, em sala de aula, com apoio de recursos multissemióticos (imagens, diagrama, tabelas etc.), orientando-se por roteiro escrito, planejando o tempo de fala e adequando a linguagem à situação comunicativa.

(EF35LP26) Ler e compreender, com certa autonomia, narrativas ficcionais que apresentem cenários e personagens, observando os elementos da estrutura narrativa: enredo, tempo, espaço, personagens, narrador e a construção do discurso indireto e discurso direto.

(EF35LP29) Identificar, em narrativas, cenário, personagem central, conflito gerador, resolução e o ponto de vista com base no qual histórias são narradas, diferenciando narrativas em primeira e terceira pessoas.

(EF03GE03) Reconhecer os diferentes modos de vida de povos e comunidades tradicionais em distintos lugares.

(EF04GE01) Selecionar, em seus lugares de vivência e em suas histórias familiares e/ou da comunidade, elementos de distintas culturas (indígenas, afro-brasileiras, de outras regiões do país, latino-americanas, europeias, asiáticas etc.), valorizando o que é próprio em cada uma delas e sua contribuição para a formação da cultura local, regional e brasileira.

- Disponha, com a ajuda dos estudantes, as carteiras em círculo para promover uma roda de conversa sobre o livro que acabaram de ler. Questione-os sobre o que acharam da história e deixe que se expressem livremente nesse momento, sempre pedindo a eles que expliquem suas respostas, que as desenvolvam. Depois, pergunte qual livro mais gostaram de ler na vida e por quê. Provoque-os com o questionamento: Quais características costumam ter os livros de que vocês mais gostam? Incentive-os a refletir também a respeito da função do texto literário em nossas vidas, perguntando: Por que, na opinião de vocês, nós lemos histórias? Qual é a finalidade da imaginação e da fantasia em nossas vidas? O que elas podem nos trazer de bom? (Habilidades de referência da BNCC: EF15LP01 e EF15LP15.)
- Para verificar a compreensão global do texto pela turma, peça aos estudantes que recontem oralmente a história completa de *Minha família Enauenê*. Para isso, eles deverão apresentar um breve resumo da trama, além de descrever os espaços em que a história se passa e os personagens. Termine perguntando qual é, na opinião deles, o tema central do livro. A que conclusões vocês, como leitores, chegaram após a leitura? Anote as respostas na lousa ou, se possível, utilize um *padlet* (mural virtual colaborativo elaborado por meio da ferramenta digital gratuita de mesmo nome), preenchendo-o com os elementos coletados pelos estudantes. (Habilidade de referência da BNCC: EF35LP03.)
- Ainda com a turma sentada em roda, conversem a respeito das características dos textos narrativos e do gênero literário conto, uma narrativa mais curta que o romance, em que os elementos narrativos (personagens, tempo, espaço, enredo, tema) são trabalhados de forma condensada, resumida

ao essencial. Pergunte aos estudantes se o texto que acabaram de ler é narrado em primeira ou terceira pessoa; peça a eles que descrevam o que mais sabem dizer sobre a narradora da história. Depois, solicite a eles que resumam o enredo (ou a trama) da história, explicando, se necessário, esses conceitos para eles. Existe na história um conflito, uma situação que a personagem principal precisa resolver para atingir seus objetivos? Qual? Quem é a personagem principal da história? Quem são os personagens secundários? Em que época a trama se passa? Em que local ela se desenvolve? Como é esse local? (Habilidades de referência da BNCC: EF35LP26 e EF35LP29.)

- Abram o livro na página 24 e observem novamente, agora com bastante calma, as ilustrações do trecho que vai dessa página até a página 27. Pergunte aos estudantes se conseguem se lembrar desse trecho da história e solicite a alguns deles que descrevam o que acontece nessa parte. Caso seja necessário, releiam o trecho ou partes dele. Em seguida, peça à turma que descreva detalhadamente as imagens e as cores utilizadas pela ilustradora Anabella López em cada página e que as relacionem com o texto. Para auxiliar os estudantes, pergunte sobre as cores, as formas, os traços e as figuras (abstratas ou concretas, grandes ou pequenas) etc. Questione também o motivo de as ilustrações serem assim, comparando-as entre si. Por exemplo, vocês podem refletir sobre as páginas 24 e 25 terem fundo azul (a água durante o dia) e a página dupla seguinte apresentar uma tonalidade predominante cinza (a água prateada da noite, em que a sucuri se esconde). (Habilidade de referência da BNCC: EF15LP18.)
- Ao apresentar as características do povo Enauenê-Nauê, a obra *Minha família Enauenê* permite abordar diferentes modos de viver e de se organizar em sociedade. Pensando nisso, apresente aos estudantes o site Povos Indígenas no Brasil, do Instituto Socioambiental, e, em seguida, acesse a página destinada ao povo Enauenê-Nauê (disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Enawenê-nawê>; acesso em: 21 maio 2021). Ajude-os a procurar na internet informações sobre esse povo, pesquisando por palavras-chave associadas ao termo “Enauenê-Nauê”: “língua”, “população”, “localização”, “cultura material”, “organização social”, “mito de origem”. Caso não seja possível acessar a internet, imprima previamente diversas cópias das informações e leve-as à sala de aula para possibilitar a leitura coletiva. Depois, converse com a turma sobre os povos indígenas do Brasil

e conte que a Fundação Nacional do Índio (Funai) estima a existência de 305 povos indígenas no país. É importante ressaltar que cada uma dessas comunidades tem cultura própria. Em seguida, divida a turma em pequenos grupos e solicite a eles que pesquisem informações sobre outros povos indígenas do Brasil (população, língua, localização, cultura material, organização social, modos de vida etc.). A pesquisa pode ser estendida a populações nativas de outras regiões do mundo, como os diversos povos originários da África subsaariana, os esquimós do Ártico e os aborígenes australianos. Oriente-os a utilizar *sites* confiáveis ou a consultar livros e enciclopédias disponíveis na biblioteca da escola ou outra biblioteca pública. O ideal é que cada grupo fique responsável por um povo diferente. Os grupos deverão apresentar as informações coletadas para toda a turma. Para isso, informe-os de que deverão preparar um material de apresentação com imagens (que podem ser fotografias impressas ou desenhos) e pequenos textos e elaborar previamente um roteiro, planejando as partes da apresentação e o tempo de fala. Reserve uma aula para a apresentação dos grupos e, se possível, convide a comunidade escolar para assistir. (Habilidades de referência da BNCC: EF35LP17, EF35LP20 e EF03GE03.)

- Pergunte aos estudantes se eles são capazes de reconhecer no dia a dia alguma palavra, nome próprio, hábito, comida ou manifestação cultural que tenha origem em cultura indígena brasileira. Escute as respostas e anote-as no quadro. Em seguida, proponha uma atividade a ser realizada individualmente em casa: os estudantes deverão entrevistar ao menos três pessoas, entre familiares e vizinhos, e coletar suas respostas para as seguintes perguntas:
 - Você sabe dizer se tem algum antepassado indígena?
 - Conhece o nome do povo ao qual pertenceu esse parente?
 - Conhece palavras de origem indígena que você utiliza no cotidiano? Quais?
 - Como brasileiro, você acredita ter algum hábito que venha da cultura dos povos originários do Brasil? Qual?

Na aula seguinte, peça aos estudantes que apresentem as informações coletadas, complementando o que foi trazido por eles com mais informações sobre elementos de origem indígena e suas contribuições para a formação da cultura local, regional e nacional. Lembre, ainda, que as culturas indígenas vivem constante processo de transformação, como todas as

culturas humanas, e não necessariamente se prendem a símbolos e costumes do passado. Converse com a turma sobre a situação contemporânea dos indígenas e sua participação na sociedade brasileira. (Habilidade de referência da BNCC: EF04GE01.)



Detalhe de cesto amazônico típico.

Ponciano/Pixabay.com

- Pergunte aos estudantes sobre os papéis e as atividades destinadas às mulheres e aos homens no povo Enauenê-Nauê. A narradora da história aceita o papel que foi sugerido a ela como menina? O que acontece depois disso? Em seguida, pergunte se já assistiram a algum dos seguintes filmes: *Mulan* (Disney, 1998 e 2020), *Valente* (Pixar, 2012) e *Moana* (Disney, 2016). Peça a quem já assistiu a eles que conte brevemente a trama de cada filme para os colegas. Uma opção interessante pode ser assistir a um desses filmes em sala de aula com a turma, caso possível. Depois, promova uma roda de conversa. Estimule os estudantes a relacionar os papéis e as funções destinadas às meninas e aos meninos nas diferentes sociedades retratadas no livro e nos filmes. Esses papéis foram aceitos pelas protagonistas das histórias? Incentive o debate a respeito desse tema, pedindo à turma que reflita também sobre como essa questão é tratada na sociedade em que vive, apontando as diferenças e semelhanças entre os

dois mundos (aquele observado nas obras e o da realidade das crianças). Durante o debate, estimule os estudantes a se expressar livremente, com clareza e tom de voz adequado, respeitando os turnos de fala e a opinião dos colegas. (Habilidade de referência da BNCC: EF15LP09.)

- Para finalizar, proponha uma atividade de produção escrita. Esse tipo de atividade é descrito pela PNA como um dos elementos essenciais para consolidar a alfabetização. Pergunte aos estudantes como eles descreveriam suas famílias e se se lembram de algum episódio familiar divertido. Depois, informe-os de que deverão escrever um breve conto chamado “Minha família e eu”. Para isso, escolherão um episódio marcante da vida em família, por meio do qual mostrarão como é essa família: as particularidades e esquisitices, as características mais interessantes, as coisas bonitas e engraçadas. Solicite aos estudantes que, antes de redigir o texto, elaborem um rascunho reunindo os elementos que compõem a narrativa: Qual é a trama, ou seja, o que vai acontecer na história? Como serão seu início, meio e fim? Como o narrador contará essa história? Ela será narrada em primeira ou terceira pessoa? Quem serão os personagens principais e secundários? Como eles serão descritos? Em que época se passará a história? Em que lugar? Como a época e o lugar serão narrados? Peça aos estudantes que façam uma ou mais ilustrações para a história que criaram. Quando ela estiver terminada, oriente-os na releitura e revisão do texto produzido, corrigindo a ortografia e a pontuação e verificando se há outros elementos a melhorar. Solicite a cada estudante que troque o texto com um colega, que poderá sugerir a ele mais melhorias. Depois, todos deverão passar a limpo seus textos e entregá-los ao professor. (Habilidades de referência da BNCC: EF15LP06 e EF35LP09.)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS COMENTADAS

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*: educação é a base. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 21 maio 2021.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os estudantes devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. *PNA: Política Nacional de Alfabetização*. Brasília, DF: MEC, SEALF, 2019. Disponível em: http://alfabetizacao.mec.gov.br/images/pdf/caderdo_final_pna.pdf. Acesso em: 29 mar. 2021.

O documento do Ministério da Educação apresenta a Política Nacional de Alfabetização (PNA), cujo objetivo é elevar a qualidade da alfabetização e combater o analfabetismo em todo o território nacional.

FARIA, M. A. *Como usar a literatura infantil na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2004.

Maria Alice Faria, professora de Educação da Universidade Estadual Paulista (Unesp), discorre no livro sobre como trabalhar com a literatura infantil em sala de aula. A autora busca capacitar professores para uma abordagem pedagógica capaz de aproveitar toda a riqueza dos livros infantis, ao mesmo tempo que reflete sobre o modo de organização da narrativa para crianças, a articulação entre texto e imagem e o papel que esses dois elementos desempenham no livro, entre outros.

PORANTIM. Encarte pedagógico I: Culturas indígenas na sala de aula. Texto de Iara Tatiana Bonin e edição de Patrícia Bonilha. Edição 372. jan/fev. 2015. Disponível em: https://cimi.org.br/wp-content/uploads/2020/01/Porantim372_JanFev_Encarte-2015.pdf. Acesso em: 26 abr. 2021.

O encarte pedagógico “Culturas indígenas na sala de aula”, que acompanhou a edição 372 do jornal *Porantim*, publicação do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), destina-se a professores e visa analisar como a temática indígena tem sido abordada na sala de aula. Além disso, busca contribuir para que esse

trabalho possa, de fato, abranger a riqueza, a diversidade e a atualidade das culturas indígenas do Brasil.

SOARES, M. A escolarização da literatura infantil e juvenil. *In*: EVANGELISTA, A. A. M.; BRANDÃO, H. M. B.; MACHADO, M. Z. V. (org.). *A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. p. 17-48.

O livro apresenta artigos de vários pesquisadores do Brasil e do exterior que refletem a respeito do trabalho com a literatura na escola. O artigo da pesquisadora Magda Soares citado neste material traz contribuições interessantes sobre as dificuldades enfrentadas pelos professores ao lidar com essa prática.